



Desvendando Narrativas Ocultas: Uma Análise Decolonial e Antissexista do Livro Didático

Keila Sena Calixto; Thalia Clara de Jesus; Tiago Marques de Oliveira; Wagner Conceição dos Santos; Ofélia Maria Marcondes

RESUMO

A pesquisa aborda a influência dos livros didáticos no processo educacional, evidenciando que, apesar de serem fundamentais para o ensino, podem veicular vieses, estereótipos e omissões devido às influências sociais, políticas e culturais. A análise se concentra em um livro didático específico do 5º ano do ensino fundamental da escola privada, situada no município de Registro/SP, examinando de perto as ilustrações, as situações propostas pelo livro e a seleção do conteúdo visível, como imagens, além de abordar questões relacionadas à colonialidade, racismo e sexismo. A colonialidade é discutida como a persistência de estruturas de poder e dominação após a descolonização, influenciando não apenas aspectos políticos e econômicos, mas também moldando o conhecimento e a cultura. Dentro dessa perspectiva, o racismo e o sexismo emergem como elementos marcadores de desigualdades e injustiças, perpetuando privilégios para alguns grupos e subordinação para outros, especialmente no contexto educacional. A análise destaca ainda a presença desses fenômenos no mercado de trabalho e na divisão tradicional de papéis de gênero na sociedade. Em conclusão, o artigo enfatiza a importância da formação continuada de professores para combater preconceitos e promover uma educação mais inclusiva e acolhedora.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade; Racismo; Sexismo; Livro didático.

INTRODUÇÃO

A utilização de livros didáticos como recursos pedagógicos é uma prática comum nas escolas, estabelecendo metodologias, conteúdos e atividades para professoras, professores e estudantes. Essas obras ocupam um papel central no processo de ensino e aprendizagem nas escolas, influenciando a forma como os conceitos são apresentados, como os temas são abordados e como as perspectivas são representadas. É importante reconhecer que os livros didáticos não são isentos de influências sociais, políticas e culturais, o que pode resultar em vieses, estereótipos ou omissões em relação a certos grupos sociais, eventos históricos ou realidades.

Pensando assim, desenvolvemos pesquisa e análise de livro de Sistema Interativo do 5º ano, 7ª edição de 2022. O material organizado pela Casa Publicadora Brasileira dispõe as disciplinas básicas em formato de Sistema. Os conteúdos são organizados em volumes bimestrais, reunindo 5 disciplinas, sendo elas, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências e Matemática. O livro trazido em questão é o de 2º bimestre.

Nossa análise está marcada pela observação das ilustrações que nos suscitaram questionamentos, assim como a seleção do que faz parte da paisagem do possível/visível, indica posições e padrões, como os que se referem a comportamento, felicidade e políticas, sobre o que deve ser conhecido e reproduzido. Ainda que seja difícil falar em retóricas e imagéticas hegemônicas no livro, a colonialidade, o racismo, o sexismo se fazem presentes e são temas que suleam nossa análise crítica.

A colonialidade e o sexismo fazem parte do horizonte dos livros em questão nos modos de abordagem de questões de gênero e de raça, mas também de forma mais ampla, abarcando outros discursos. A colonialidade se faz presente tanto nas formas como foram apresentadas as profissões, os modos familiares, os de fazer história, de narrar a nação, de naturalizar a escravização de pessoas africanas, afro-brasileiras e indígenas. Também aparecem no livro outras maneiras de colonialidade como nos horizontes literários eurocentrados, na referência constante a castelos de reis brancos do mundo europeu, nas distinções modernas entre arte e artesanato.

Já a estratégia politicamente correta enfraquece a possibilidade de críticas mais imediatas aos livros, pois a eventual inserção do discurso sobre o “respeito às diferenças” ou a “imagética colorida” dão a falsa impressão de resposta às demandas por justiça social.

No percurso de nossa análise, utilizamos o procedimento metodológico iconográfico de análise de imagens e os significados trazidos pelas mesmas através de seus elementos e de sua constituição.

Essa análise torna-se possível graças ao estudo e à discussão de ideias de autores como Paulo Freire, Frantz Fanon, Michel Foucault, Walter Mignolo, Catherine Walsh, entre outros.

Optamos por selecionar este livro específico, proveniente de uma instituição de ensino particular de orientação religiosa, por sua afiliação a uma abordagem educacional fundamentada nos princípios e valores do cristianismo. Através dessa escolha, objetivamos analisar questões sensíveis como racismo, colonialidade e sexismo e como são abordadas dentro de um contexto escolar com essas características. Por meio dessa análise, busca-se compreender como tais temáticas são tratadas nos materiais didáticos adotados por uma escola com essa orientação religiosa, considerando o impacto que essas abordagens podem ter no desenvolvimento cognitivo, social e moral dos estudantes.

Colonialidade e Sexismo, suas influências

Com o presente estudo propõe-se realizar uma análise de livro didático, de modo crítico e sob as lentes das esferas sociais, da colonialidade, do racismo e do sexismo. Para tanto, ancora-se a reflexão em um conjunto de autores cujas obras apresentam uma abordagem consistente e aprofundada sobre essas questões e, com isso, busca-se ampliar o diálogo acadêmico e a reflexão sobre as formas como tais temas aparecem no material didático analisado, considerando suas implicações e impactos no contexto educacional contemporâneo.

A colonialidade é um conceito amplamente discutido no campo dos estudos pós-coloniais e se refere às estruturas de poder e dominação que persistem mesmo após a descolonização de territórios e sociedades, do ponto de vista jurídico-político, ou seja a descolonização se dá a partir dos processos de independência. A colonialidade permanece nas estruturas de poder e mantém as relações assimétricas entre os grupos sociais, perpetuando formas de opressão e subalternização.

Segundo Mignolo (2017, p.13),

“Colonialidade” equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade. E descolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade.

Por meio disso, permanece atual o pensamento caracterizado pela colonialidade que se refere à persistência dos valores coloniais na contemporaneidade. Essa noção implica a preservação de

estruturas lógicas e práticas que reproduzem dinâmicas de dominação, desigualdade e opressão associadas ao período colonial.

Mignolo destaca como a colonialidade opera não apenas nas esferas políticas e econômicas, mas também no âmbito do conhecimento e da cultura. Nesse sentido, o colonialismo não se limita apenas à ocupação territorial e à exploração econômica, mas também inclui uma imposição de padrões de conhecimento e formas de saber. Isso significa que o conhecimento ocidental eurocêntrico, que se tornou hegemônico na era colonial, é imposto como o padrão dominante de saber e de uma epistemologia que privilegia uma visão de mundo específica.

A respeito da colonialidade do saber, Walsh (2012, p.67) afirma que:

Atravessar o campo do saber, utilizando-o como dispositivo de dominação, a colonialidade penetra e organiza os marcos epistemológicos, academicistas e disciplinares. Por isso, opera hoje dentro do discurso de muitos intelectuais “progressistas” que se esforçam em desacreditar tanto as lógicas e racionalidades do conhecer que historicamente e ainda se encontram entre muitos povos e comunidades ancestrais, como os emergentes intentos de construir e posicionar “pensamentos próprios” de caráter decolonial, caracterizando ambos como invenções fundamentalistas, essencialistas e racistas.

A autora destaca que a colonialidade do saber se refere ao domínio e à imposição de um conhecimento eurocêntrico como o padrão dominante, enquanto marginaliza e desvaloriza outras formas de conhecimentos locais, indígenas e não-ocidentais, por exemplo. Essa imposição de uma única visão do mundo tem implicações profundas nas formas de produção de conhecimento.

Nessa perspectiva, a reflexão inspirada por Catherine Walsh nos convida a ampliar o cânone de conhecimento, reconhecendo a pluralidade de saberes e perspectivas que emergem de diferentes culturas e contextos históricos, revelando a necessidade de uma abertura para a pluralidade epistêmica.

De acordo com Frantz Fanon (2008), o racismo colonial não se diferencia de outros racismos. A vista disso, a decolonialidade nos convida a examinar criticamente os legados coloniais e suas ramificações no presente, incluindo o racismo estrutural que perpetua desigualdades e opressões. Ao investigar a influência duradoura do colonialismo, percebemos como o racismo estrutural continua a ser um elemento central na manutenção de desigualdades e opressões.

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não

sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural (Almeida, 2019, p. 33).

Referindo-se às formas sistêmicas e institucionais de discriminação racial presentes nas estruturas sociais, políticas e econômicas, o racismo estrutural é um padrão arraigado de desigualdades e injustiças que afetam grupos raciais específicos e perpetuam desigualdades raciais. Essas disparidades podem ser observadas em áreas como emprego, sistema de justiça criminal e acesso a serviços básicos e educação.

Através dessa lente, é possível compreender que o racismo não é apenas um fenômeno isolado, mas uma construção social enraizada em estruturas de poder que perpetuam privilégios para uns e subjugação para outros. O racismo estrutural opera em diversas esferas, como a educação.

A ordem produzida pelo racismo não afeta apenas a sociedade em suas relações exteriores, [...] mas atinge, sobretudo, a sua configuração interna, estipulando padrões hierárquicos, naturalizando formas históricas de dominação e justificando a intervenção estatal sobre grupos sociais discriminados, como se pode observar no cotidiano das populações negras e indígenas (Almeida, 2019, p. 109).

No entanto, essa reflexão vai para além da mera inclusão de diferentes perspectivas, envolve também uma profunda revisão das estruturas e práticas educacionais. Evidenciando a necessidade de uma abordagem que promova o diálogo de saberes, permitindo a coexistência e o enriquecimento mútuo entre diferentes tradições e modos de conhecimento.

Vivemos uma era de muitos desafios, uma sociedade marcada pelo preconceito, com ações que são mera reprodução de gerações que trazem consigo opressão, desrespeito e desigualdade, silenciando e invisibilizando os sujeitos que nela estão inseridos. Ainda na discussão desta análise, nos deparamos com questões sexistas que reforçam e cobram comportamentos, costumes de homens e mulheres, na tentativa de enquadrar nos padrões cisheteronormativos às pessoas e, quando estas não se adequam, acabam sendo colocadas à margem da sociedade, chegando a serem vítimas de múltiplas violências. A sociedade, de modo geral, educa suas crianças de maneira binária e, como exemplo, pode-se citar a prática de se separar meninos e meninas na prática de esportes, ou ainda impondo que garotas usam rosa e garotos, azul, moldando ações e gostos para que se determine um padrão sexual.

Segundo aponta Ferreira (2004, p. 120),

Esses valores, constantemente reforçados durante o processo de socialização, é que levam os meninos a desenvolverem representações de masculinidade associadas à figura

do homem como forte, dominador e responsável pelo sustento da família e representações de feminilidade relacionadas à mulher como uma pessoa dócil, submissa e responsável pelo lar e pela prole. Tais representações sobre a supremacia masculina compõem, portanto, o substrato psicológico que justifica as atitudes de discriminação, opressão e dominação feminina.

Ou seja, esse processo não pode mais ser reproduzido numa sociedade tão cheia plural e diversa, essa docilização dos corpos e domesticação das mentes devem ser desconstruídas com vistas à reconstrução de uma prática de liberdade, de tomada de consciência, de autonomia, pois o que parece ser tradicional, é apenas uma das faces do conservadorismo que oprime.

Entender as diferenças e toda a diversidade de sujeitos que formam a sociedade faz com que se formem pessoas sensibilizadas com o diferente, sejam respeitadas e tenham isso como natural, pois o diferente não quer dizer que é errado. Os materiais didáticos devem trazer as mais variadas representações de sujeitos da sociedade, respeitando os espaços de cada um, sem qualquer tipo de preconceito, opressão ou dominação, possibilitando uma equalização e promovendo a equidade.

O sexismo aparece também no mercado de trabalho. De acordo com Soares (2000, p. 23), “as mulheres recebem cerca de 35% a menos que os homens, e já foi bem maior”, independentemente da qualificação, elas ganham menos e ainda lutam por uma equiparação salarial nas empresas; outro exemplo, é colocar as mulheres sempre como frágeis e submissas e os homens como fortes e provedores.

Na palavras de Méndez; Zurutuza; Ferreira (2004, p. 120),

Na explicação do sexismo, as teorias feministas partem do pressuposto de que a dicotomia público versus privado característica da sociedade patriarcal, na qual coube ao homem o controle das instituições econômicas, legais e políticas e, à mulher, o cuidado da casa e dos filhos e a satisfação da sexualidade do marido, dotou o homem com um poder estrutural que lhe concedeu a primazia de grupo dominante e fez com que a família se constituísse em locus privilegiado de reprodução dos valores patriarcais referentes à superioridade masculina e à inferioridade feminina.

Além disso, podemos lembrar as milhares de violências sofridas a todo tempo nos vários segmentos da sociedade, os inúmeros ataques que pessoas não heteronormativas sofrem. Indivíduos pertencentes a grupos marginalizados enfrentam sistemáticas exclusões socioeconômicas, políticas e culturais, resultando na sua sub-representação no mercado de trabalho e na esfera política, bem como na ausência de reconhecimento social. Essa marginalização acarreta uma opressão tanto física

quanto psicológica sobre tais sujeitos, contribuindo para o desenvolvimento de problemas de saúde mental e baixa autoestima, culminando, em alguns casos, em suicídio.

Podemos notar que as questões de gênero nem sempre aparecem como pauta do trabalho desenvolvido em muitas escolas, sendo que é justamente na escola que se observa a promoção direta da formação da sociedade futura; com isso, um olhar minucioso e atento para os materiais utilizados em sala é muito importante e necessita atenção.

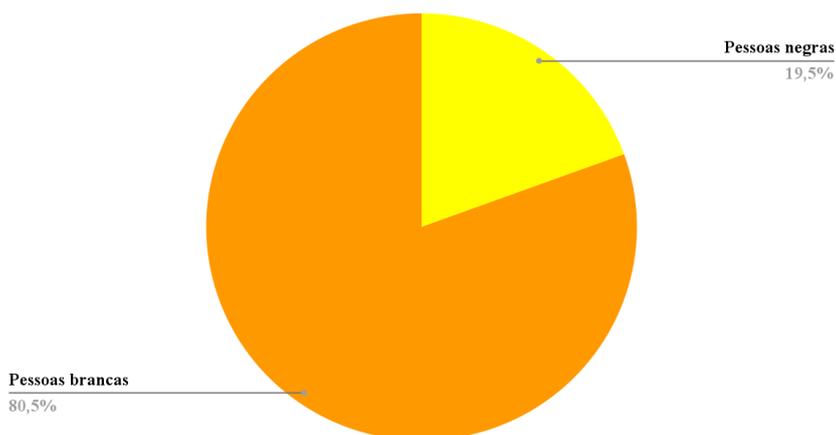
A exclusão é uma realidade cotidiana. Inúmeros sujeitos constantemente se encontram em luta para demonstrarem sua pertinência em nossa sociedade. Considerando que a educação é um direito fundamental, que serve como portal para o acesso a outros direitos, a exclusão desses indivíduos no contexto escolar e social é inadmissível. Todos possuem o direito inalienável à educação e o respeito às suas escolhas, o que representa o mais básico princípio de convivência e dignidade humana.

A implementação de programas de formação inicial e continuada para professores pode desencadear a desconstrução de preconceitos arraigados e da negligência em relação às questões de gênero e preconceito. Muitas vezes, as atitudes intolerantes presentes em nosso meio passam despercebidas, destacando a necessidade de uma abordagem mais sensível e consciente por parte dos educadores. Libertar-se dessa nebulosa estrutura faz com que tenhamos profissionais mais atentos e capazes de lidar com diversas situações de preconceito e de exclusão, identificando atitudes de intolerância e de opressão no espaço escolar, visando construir uma escola mais acolhedora.

Parecer crítico do conteúdo a partir da perspectiva decolonial e antissexista

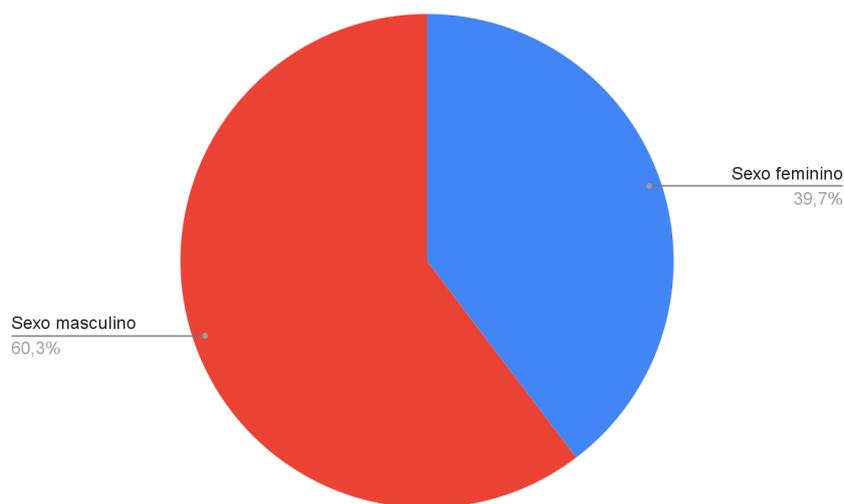
Ao longo das leituras, tivemos a curiosidade de quantificar as imagens e pudemos dar a ver pelo menos dois acontecimentos ordenadores dos modos em que raça e gênero performam nesses livros: das 416 imagens, 81 eram de pessoas negras, o que significa 19,5%, logo, 335 pessoas eram brancas, o que significa 80,5% das pessoas representadas nas figuras.

Levantamento de figuras representativas de raça



Fonte: Autoria própria

Já das 416 imagens, 165 eram do sexo feminino, o que significa 39,7%, e as outras 251 das imagens representavam o sexo masculino, com 60,3%.



Fonte: Autoria própria

A representação simbólica faz parte da evolução do desenvolvimento histórico do homem, partindo do pressuposto de que “uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos [sic] nós mesmos” (Joly, 1994, p. 55).

Segundo Paiva (2006, p. 19 *apud* Souza, 2014, p. 29), “é importante sublinhar que a imagem não se esgota a si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido além daquilo que é nela, dado a ler ou ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais implícita dela”.

Desta maneira, podemos compreender que as imagens e representações simbólicas presentes nos livros didáticos carregam consigo uma mensagem subjacente, buscando expressar uma determinada visão de sociedade, cultura e mundo. Ao desenvolver um livro didático, é imperativo dedicar uma atenção meticulosa a essa questão, pois o conteúdo e as imagens nele contidas têm o potencial de influenciar a perspectiva de um vasto número de indivíduos. É essencial compreender o processo de produção das imagens e os elementos culturais e ideológicos envolvidos, a fim de desvendar os significados que vão além das formas, cores e perspectivas, e que de maneira dinâmica interagem com seus leitores. Promover uma maior representatividade e diversidade cultural, evitando uma abordagem eurocêntrica já enraizada nos materiais escolares, é fundamental para uma educação mais inclusiva, diversa e plural.

A pluralidade de saberes e as experiências sócio-históricas são transformadas em tradição folclórica ou representação pré-moderna, quando não totalmente silenciadas, e a especificidade histórico-cultural europeia é tomada como superior e padrão. A pretensão de superioridade dos saberes produzidos na Europa é um aspecto importante da colonialidade do poder, assim como a paralela subalternização dos outros saberes, por meio da exclusão, omissão e guetização (Grosfoguel, 2009). A decolonização ou o movimento decolonial dos enunciados e visualidades é um movimento fundamental para um verdadeiro reconhecimento das diferenças.

Ao examinarmos as imagens contidas no livro em questão, observa-se que a maioria das representações retrata predominantemente indivíduos brancos, especialmente homens brancos, como protagonistas e padrões de conduta. Essa prevalência reforça a colonialidade, perpetuando a supremacia branca e reiterando a ideia de que a branquitude é considerada a norma socialmente aceita.

Figura 1

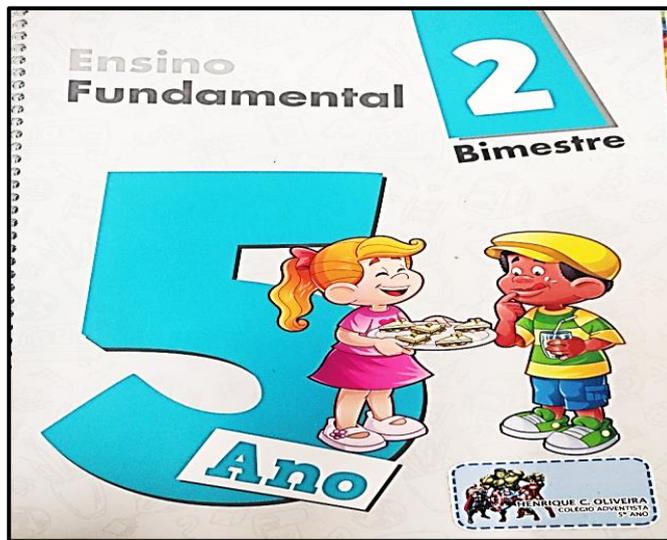


Foto da capa do livro a seguir

Fonte: Milena Ribeiro (2022)

A predominância de pessoas brancas nas ilustrações de livros didáticos contribui para uma percepção de mundo que privilegia as características e vivências desse grupo como sendo mais significativas e merecedoras de destaque. Essa representação restrita e exclusiva marginaliza os grupos étnicos não-brancos, perpetuando a hierarquia racial e fortalecendo estereótipos.

Nas figuras 2 e 3 abaixo podemos identificar:

Figura 2



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

Figura 3



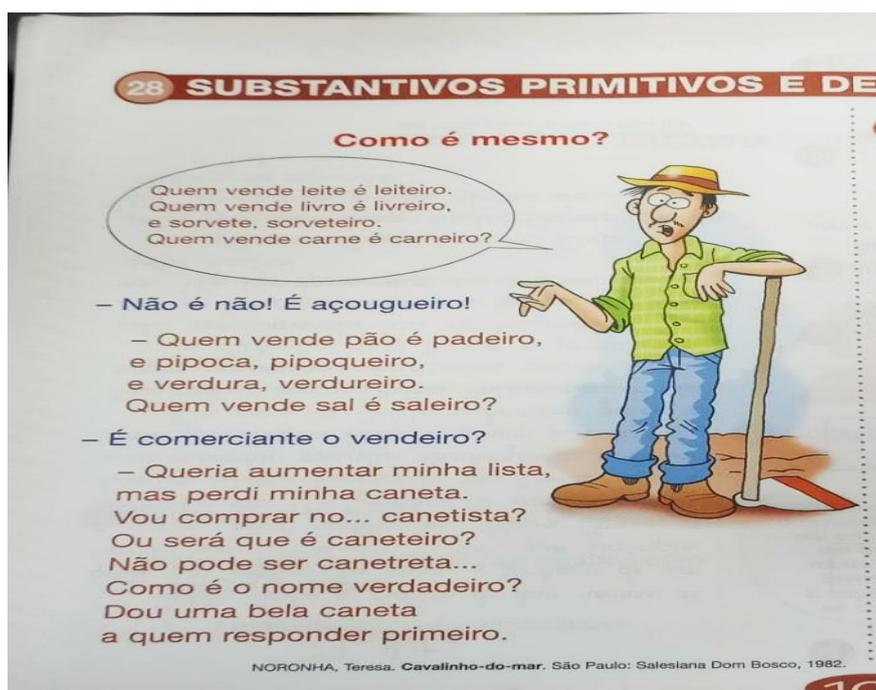
Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

As imagens acima representam uma rara ocorrência de diversidade étnica no livro.

A ausência de diversidade étnica em imagens e figuras presentes em materiais didáticos pode dificultar a compreensão das crianças em relação à realidade multicultural na qual estão inseridas. Ao retratar predominantemente apenas um grupo étnico, o livro pode ignorar a existência de diversidade e contribuir para que as crianças de grupos étnicos não-brancos internalizem ideias de inferioridade. Esse aspecto tem o potencial de impactar negativamente sua autoestima, identidade e percepção do seu lugar na sociedade.

A representação da cidade destaca características ligadas ao agronegócio e ao desenvolvimento, porém perpetua o estereótipo do caipira como alguém analfabeto, de conhecimento limitado e vida difícil. Na figura 4, o trabalhador rural é retratado em um contexto de desinformação e analfabetismo.

Figura 4

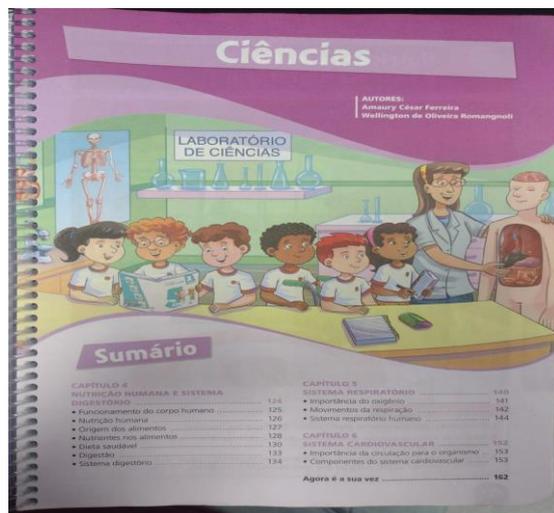


Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

Desafios significativos emergem ao tentarmos decolonizar os discursos históricos, desfazer as representações racializadas, reformular as noções de desenvolvimento, consumo e pobreza, bem como decolonizar os círculos literários de referência. Esses desafios são evidentes na análise do livro em questão, que, em grande medida, permanece enraizado em um paradigma colonial de conhecimento. Além disso, o discurso aparentemente politicamente correto do livro, ao simplesmente incluir tanto pessoas brancas quanto não-brancas em sua narrativa visual, sem abordar criticamente as estruturas de produção do racismo, continua a perpetuar a ordem racista estabelecida.

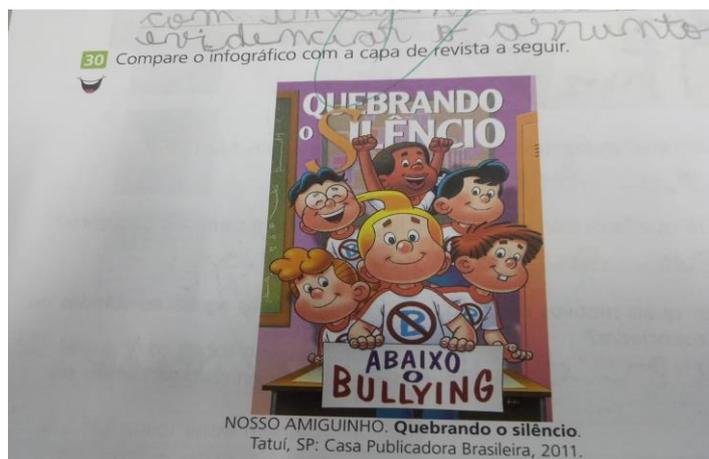
Da mesma forma, as representações de inclusão de uma criança negra entre cinco crianças brancas, como ilustrado nas figuras 5 e 6, extraídas do livro didático.

Figura 5



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

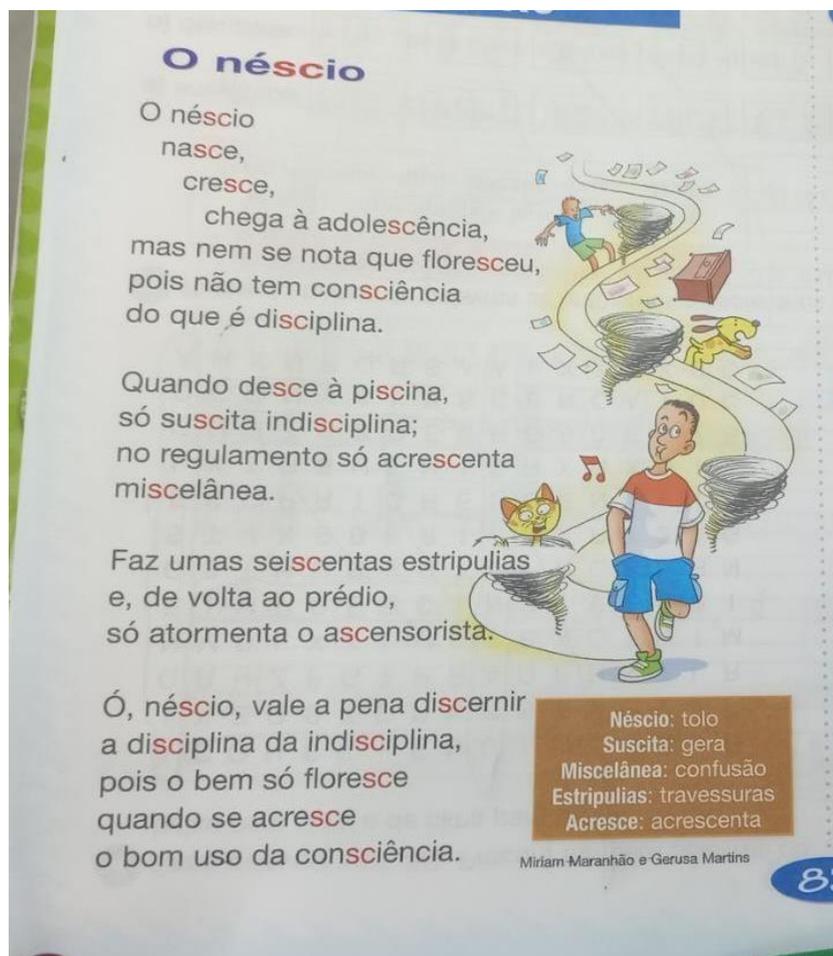
Figura 6



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

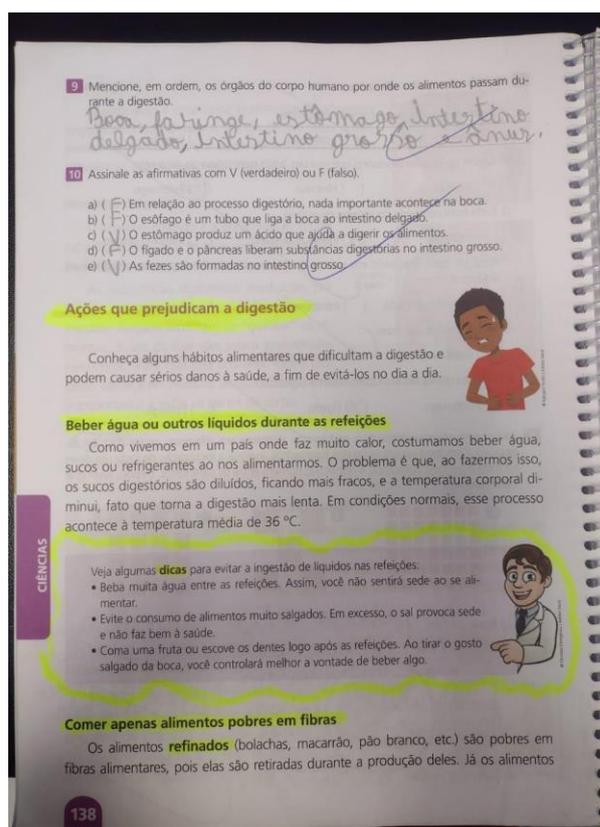
Nos raros momentos em que traz a representação de uma pessoa negra, ela está inserida em contextos duvidosos, como por exemplo as imagens 7e 8:

Figura 7



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

Figura 8



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

Na figura 7, o menino é colocado como representação de desobediência, ser não consciente e, na figura 8, o menino negro é colocado como uma pessoa que não teve uma boa alimentação e por isso está sofrendo dores estomacais, já o homem branco abaixo é o solucionador do problema, o profissional que ajudará o menino negro.

Combater o racismo e o sexismo demanda uma mudança na sensibilidade que se manifesta em discursos explícitos, tanto através de imagens quanto de textos. Abordar o sexismo, por exemplo, e os privilégios associados à masculinidade em nossa sociedade implica em reconhecer vários contextos, como na esfera histórica, onde as figuras representativas presentes nos livros didáticos frequentemente se restringem a homens brancos e heterossexuais. Bem como o poder de fala e espaço de escuta no meio social presentes na figura 9:

Figura 9

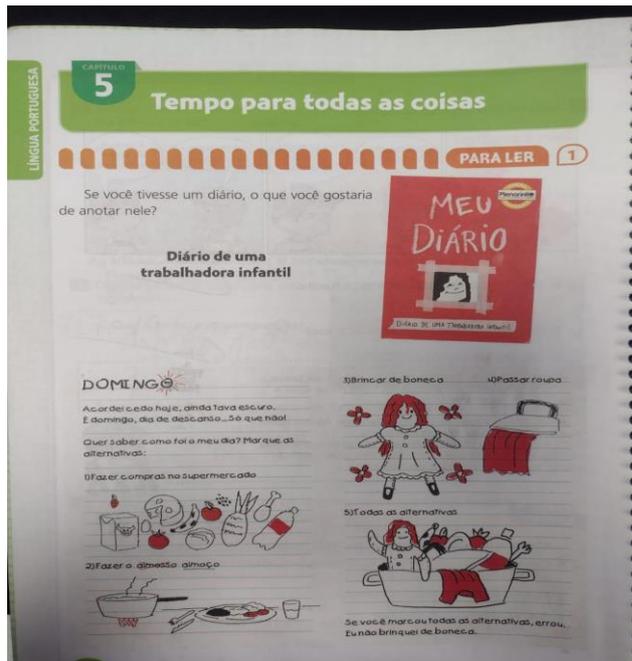


Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

Podemos relacionar também as questões políticas e em como esse meio é dominado pelas pessoas heteronormativas, com destaque a homens brancos.

A imagem abaixo se encontra na sessão de Língua Portuguesa, página 26, e a atividade tem como foco o trabalho infantil.

Figura 10



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

Ao analisarmos a imagem e o contexto nela representados, é evidente a reprodução de estereótipos que limitam as atividades diárias da menina a tarefas tradicionalmente associadas ao gênero feminino, como preparar comida, fazer compras, passar roupa e brincar de boneca. Essa perpetuação dos estereótipos de “coisas de menina e coisas de menino” atua como um mecanismo de controle sobre os indivíduos. Quando tais representações são incluídas em um livro didático, independentemente do tema abordado, ocorre uma reafirmação da dominação sobre os corpos e mentes, reforçando a ideia de que as mulheres devem se restringir a certas atividades consideradas femininas.

Em sua obra “Vigiar e Punir”, Michel Foucault nos ajuda a compreender essa dominação e a docilização dos corpos.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil é. Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados “corpos dóceis”. A disciplina aumenta as

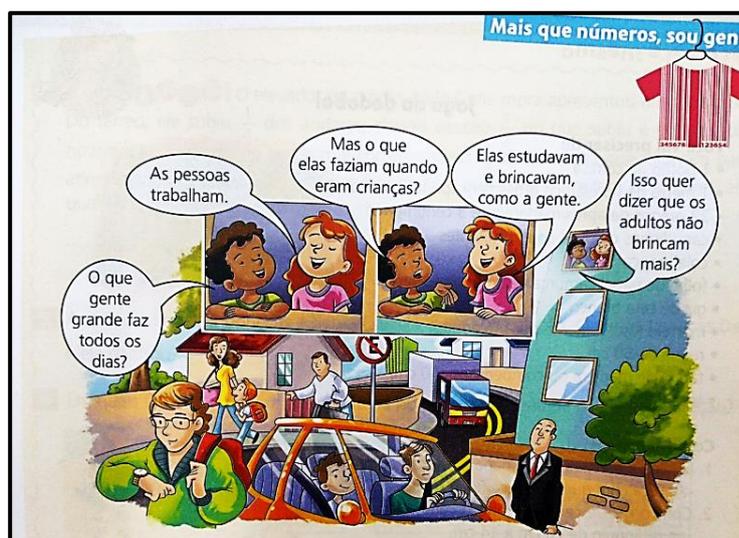
forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças. Ela dissocia o poder do corpo e faz dele, por um lado, uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado, a energia, a potência que poderia resultar disso e faz dela uma relação de sujeição estrita (Foucault, 1997, p.119).

Atividades propostas em livros e materiais didáticos como, por exemplo, a imagem anterior, nos faz perceber que isso se organiza dentro do contexto escolar em um processo gradual, sutil e contínuo de coação que tem como objetivo corrigir e enquadrar posturas através do domínio corporal como um todo.

Observamos que, muitas das vezes, quando uma ilustração apresenta uma pessoa negra e outra branca, a pessoa negra é retratada como desinformada, fazendo perguntas, enquanto a pessoa branca é colocada como a detentora do conhecimento, respondendo às perguntas e assumindo o papel de guiar o aprendizado. Essa dinâmica perpetua a representação da pessoa branca como inteligente e a pessoa negra como desinformada, contribuindo para uma narrativa de superioridade racial.

Confira nas figuras abaixo:

Figura 11



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

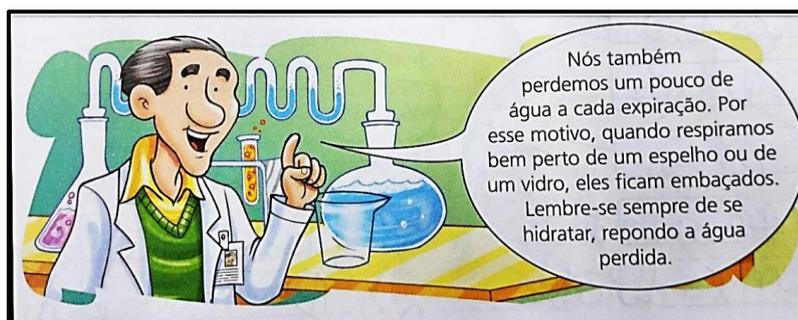
Quando essa situação não é trazida de forma inversa, na qual a pessoa negra também tem espaço e representação dentro dos conteúdos didáticos trabalhados nas salas de aula, cria-se um contexto

excludente e marginalizado, em que o homem branco é o detentor do saber e o negro é o ser desinformado que precisa ser salvo de sua desinformação e embrutecimento.

Em nenhuma das imagens do livro a figura feminina e negra é representada como uma pessoa de influência no meio social, no meio profissional; as figuras de pessoas bem sucedidas são sempre brancas com profissões bem sucedidas, a saber: cientistas, nutricionista, médica, professores, bombeiros, etc. trazendo, em alguns momentos, a figura da mulher, branca.

Confira nas figuras abaixo:

Figura 12



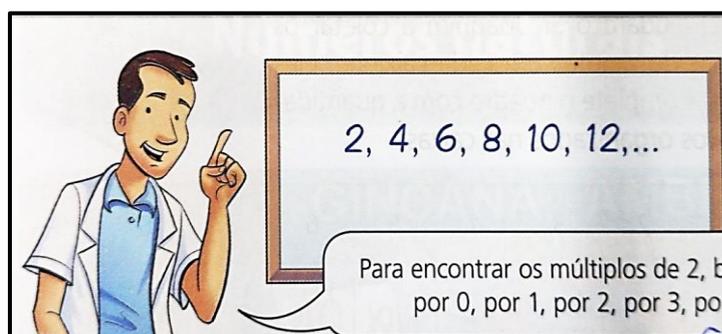
Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

Figura 13



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

Figura 14



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

Figura 15



Fonte: Ilustra Cartoon (2022)

CONCLUSÃO

Diante do amplo debate em torno dessas questões cruciais que permeiam o processo de aprendizagem e a construção de uma sociedade futura, torna-se indispensável uma reflexão profunda sobre os métodos empregados nas instituições para o desenvolvimento do conhecimento do indivíduo, que em hipótese alguma deve ser encarado meramente como objeto de promoção mercadológica, mas sim como um saber epistêmico que transcende e estabelece conexões para fortalecer a educação, permitindo que os sujeitos se reconheçam verdadeiramente como agentes de transformação.

Compreender de maneira abrangente que a liberdade, em sua essência, conduz à autonomia do indivíduo, implica reconhecer que os padrões tradicionais não devem ser incorporados na contemporaneidade em que vivemos. Nesse contexto, ao introduzir materiais para o processo de aprendizagem, é imprescindível considerar produções que fortaleçam a pluralidade, valorizem as subjetividades e reconheçam a diversidade étnica e de costumes.

A investigação crítica e reflexiva desse material educativo desempenha um papel fundamental na identificação de possíveis limitações, vieses, estereótipos ou lacunas que possam afetar a qualidade e a diversidade da educação oferecida aos alunos. A presença predominante de perspectivas eurocêntricas e de representações que reforcem estereótipos e hierarquias sociais contribui para a reprodução de relações de poder desiguais, perpetuando a marginalização de grupos historicamente oprimidos.

Nesse contexto, é imprescindível repensar e transformar as estruturas educacionais, a fim de promover uma educação que seja inclusiva, diversa e emancipatória, isso implica na valorização e incorporação de múltiplas vozes, saberes e experiências, reconhecendo a importância de conhecimentos locais e de comunidades tradicionais. Além disso, é necessário desenvolver uma consciência crítica em relação às narrativas hegemônicas e questionar os padrões de poder e privilégio presentes nas representações do livro didático.

Diante desse contexto, a análise nos leva a concluir que a superação do racismo e do sexismo requer uma abordagem educacional comprometida com a promoção da igualdade, justiça e respeito à diversidade. É fundamental que os materiais educativos sejam cuidadosamente selecionados de forma a desconstruir estereótipos, combater preconceitos e fomentar uma consciência crítica nas crianças e jovens, pois somente por meio de uma educação emancipatória e engajada será possível contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, livre das amarras do racismo, do sexismo e da colonialidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Pólen, 2019.
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Maria Cristina. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. **Temas em Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 119-126, 2004.
- FIUZA, V. **Sistema inter@tivo de ensino: ensino fundamental: 5º ano: 2º bimestre – 1 ed – Casa Editora Brasileira**, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Lisboa: Leya, 2014.
- GROSGUÉL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. G. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 383-418.
- JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MÉNDEZ, C.; ZURUTUZA, M.; FERREIRA, A. **Educação antirracista e currículo escolar**. São Paulo: Editora XYZ, 2004.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In: __. **Desafios decoloniais hoje**. Duke University, 2017, p. 13.

RIBEIRO, Milena. **Sistema interativo de ensino: 5º ano do Ensino Fundamental**. Casa Publicadora Brasileira: Sistema Interativo de Ensino, 2022.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. **Perfil da discriminação no mercado de trabalho: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). 2000.

SOUZA, C. **Sistema inter@tivo de ensino: ensino fundamental 7ª edição – 16ª impressão**, Casa Publicadora Brasileira, 2022.

SOUZA, Suely dos Santos. **O livro didático e as influências ideológicas das imagens: por uma educação que contemple a diversidade social e cultural**. Dissertação. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2014.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y (de)colonialidad. Ensayos desde Abya Yala**. Quito: Ediciones Abya-Yala e Instituto Científico de Culturas Indígenas, 2012.

Autor(as/es)

Keila Sena Calixto

Licencianda no curso de Pedagogia pelo Instituto Federal de São Paulo - Campus Registro. *E-mail:* keila.s@ialuno.ifsp.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9011470765333740>

Thalia Clara de Jesus

Graduada em Ciências Biológicas-Bacharelado pela União das Instituições de Serviço, Ensino e Pesquisa (2022) e graduação em Ciências Biológicas licenciatura plena pela União das Instituições de Serviço, Ensino e Pesquisa (2018). Licencianda no curso de Pedagogia pelo Instituto Federal de São Paulo - Campus Registro. *E-mail:* thalia.clara@aluno.ifsp.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1849266479327033>

Tiago Marques de Oliveira

Possui graduação em Ciências Contábeis pela Sociedade de Cultura e Educação do Litoral Sul(1999). Especialização em Ecoturismo: Interpretação e Planejamento de Atividades em Areas Naturais pela Universidade Federal de Lavras(2008). Especialização em Gestão de Programa de Reforma Agraria e Assentamento pela Universidade Federal de Lavras(2001).

Atualmente licenciando no curso de Pedagogia pelo Instituto Federal de São Paulo - Campus Registro. E-mail: tiago.marques@aluno.ifsp.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4835137215573725>

Wagner Conceição dos Santos

Licenciando no curso de Pedagogia pelo Instituto Federal de São Paulo - Campus Registro. E-mail: wagner.s@aluno.ifsp.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8836183808028209>

Ofélia Maria Marcondes.

filósofa e pedagoga. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atua como docente nos cursos de Licenciatura do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Câmpus Registro. E-mail: ofelia@ifsp.edu.br

Líder do grupo de pesquisa Mandacaru: educação e filosofia:

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4273081596423963>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2775-2785>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3976550232672957>